

Desenvolvimento, remessas financeiras e retorno: dinâmicas da imigração senegalesa

Development, financial remittances and return: dynamics of Senegalese immigration

João Carlos Tedesco¹
Emanuela Gamberoni²

Resumo: O artigo analisa aspectos que correlacionam desenvolvimento econômico, remessas e retorno de imigrantes. O objetivo é demonstrar alguns dos processos econômicos que configuram desenvolvimento nos locais de origem dos imigrantes. A análise se fundamenta em revisão de literatura, mas, acima de tudo, em pesquisa de campo junto a imigrantes senegaleses retornados ao seu país de origem. O texto conclui que, para o caso dos senegaleses entrevistados, as remessas financeiras são fundamentais para melhorar as condições de vida de suas famílias que permanecem, para o desenvolvimento nos locais de origem, porém, configuram diferenciações entre unidades familiares, induzem e atraem novos fluxos, produzem dependência financeira, além de total ausência de coordenação da esfera pública em relação a esses recursos.

Palavras-chave: imigração senegalesa. Desenvolvimento econômico. Remessas. Retorno.

Abstract: The article analyzes aspects that correlate economic development, remittances, and the return of migrants to the countries of origin. The objective is to demonstrate some of the economic processes that shape development in immigrants' places of origin. The analysis is based on a literature review, but, above all, on field research with Senegalese migrants who have returned to their country. The text concludes that, at least for the Senegalese interviewed, financial remittances are fundamental for improving the living conditions of their families who remain in the country of origin and for the local development of the native places. However, they configure differentiations between family units, induce and attract new flows, produce financial dependence, and a total absence of coordination of the public sphere in relation to these resources.

Keywords: Senegalese immigration. Economic development. Remittances. Return.

¹ Universidade de Passo Fundo. E-mail: jctedesco@upf.br.

² Università di Verona. E-mail: emanuela.gamberoni@univr.it.

Introdução

Na atualidade, fala-se muito sobre o fato de que imigrantes podem se tornar sujeitos na promoção de processos de desenvolvimento econômico e social em seus espaços de origem e de destino. Ressalva-se, porém, que imigrantes podem ter vários locais de destino em sequência, ser plurinacionais. Para muitos imigrantes, principalmente, senegaleses, há destinos intermédios, de curta duração. A dinâmica transnacional (transmigrante ou binacional) de muitos deles auxilia nesse processo.

Nesse sentido, para a realidade dos espaços de origem, que é a que se evidencia com maior premência, eles podem se tornar mediadores centrais na promoção de melhores condições de vida para contingentes de não-migrantes, principalmente através do envio de recursos financeiros, sociais, tecnológicos, projetos de cooperação, contatos transnacionais com agências e instituições variadas, públicas e privadas e (ou) do terceiro setor, integrando territórios, comunidades e sociedades em geral (Cunha, 2007; Marini, 2015; Ambrosini, 2020). Desse modo, a imigração, para além de suas amplas causalidades, pode ser um fator muito importante para os locais de saída.

No entanto, sabemos que falar em desenvolvimento não é algo fácil. É um processo que carrega consigo especificidades, diferenciações e temporalidades definidas a partir de seu contexto. O que pode ser desenvolvimento para um país e (ou) região, pode não ser para o outro, bem como pode ter concepções e variáveis diferenciadas entre os grupos sociais e entre temporalidades passadas e as mais atuais. Não obstante, a noção é fruto das dinâmicas sociais, das condições e contextos que a produzem e que ela os dinamiza. Imigrantes podem ser fruto da forma que se processa o desenvolvimento em seu espaço de origem e de destinos, de sua ausência e (ou) de uma expressão mais equânime. Muitos fóruns mundiais nas últimas décadas discutem esse tema com várias entidades de caráter mais global³. Porém, é consenso que os novos processos de desenvolvimento devem imprimir novas linguagens que, por sua vez, são

³ Dentre eles, podemos citar alguns órgãos das Nações Unidas (Acnur, OIM, Unicef), encontros promovidos pelo Parlamento Europeu, pela Cáritas Mundial e o Fórum Mundial das Migrações.

produto e produtoras de ações, significados, simbologias e representações de um “mundo em movimento” (Bauman, 2017) de diferenciações territoriais e de sujeitos. Ou seja, centram a vida humana, as relações sociais, os convívios, o equilíbrio social e ambiental (Dallabrida, 2005).

Imigrantes podem desenvolver seu ciclo migratório (sair, permanecer um período e retornar), porém, sem findá-lo por completo; as reemigrações fazem parte desse processo. Essas se ligam com a dinâmica transnacional, com as possibilidades de investimentos em locais de origem, mas, também, no de destino e com as tecnologias de comunicação atuais em redes para além de fronteiras nacionais.

Na atualidade, discute-se muito sobre a correlação entre desenvolvimento, remessas, dimensão transnacional e retorno. Não há consenso sobre suas possíveis correlações; centra-se muito a discussão em torno do papel central ou não dos imigrantes na promoção de melhores condições de vida nos locais de origem através de capitais financeiros e outros que retornam para esse espaço. Coloca-se na discussão a importância ou não das remessas financeiras em potencializar a redução das saídas de imigrantes; em geral, demanda essa de nações enriquecidas e que estão recebendo muitos imigrantes nas últimas décadas.

Críticos a essa abordagem enfatizam a ineficácia do processo, bem como alertam para o sentimento xenófobo presente, além de revelar desejos de mera compensação financeira em relação aos processos (neo)colonialistas de muitas nações em relação aos grandes locais de saída de imigrantes (Ambrosini, 2017; Bauman, 2017). Os imigrantes seriam esses mediadores entre os dois locais. Sabemos que essa é uma questão complexa, que não é tão simples reduzir o fosso econômico que separa países e regiões produzido historicamente e de uma forma estruturante; assim como não dá para reduzir os fluxos migratórios ao horizonte econômico (Wihtol de Wenden, 2013; Giudici; Wihtol de Wenden, 2020; Minvielle, 2020).

Tendo essas questões como centrais, nosso artigo analisa alguns aspectos dessa correlação entre desenvolvimento, remessas, retorno e transnacionalismo,

bem como centra algumas de suas polêmicas e atualidade do debate. Para fundamentar alguns desses processos, além da revisão de literatura, servimo-nos de pesquisa de campo com senegaleses⁴ presentes no sul do Brasil, em particular, nos municípios de Chapecó (estado de Santa Catarina) e Passo Fundo (Rio Grande do Sul). Estivemos também fazendo pesquisa no Senegal⁵, no mês de junho de 2022, junto a imigrantes retornados do sul do Brasil, bem como junto a famílias que possuíam imigrantes (filhos ou cônjuges) na referida região.

Estruturamos o texto, primeiramente, analisando alguns aspectos sobre a correlação entre desenvolvimento e imigração, dando ênfase a algumas teses em torno desse vínculo; posteriormente, discutimos alguns aspectos sobre o papel das remessas na possível dinâmica de desenvolvimento nos espaços de origem de imigrantes, bem como a sua dimensão transmigrante. Por fim, baseados em pesquisa empírica no Senegal e no sul do Brasil, analisamos, de uma forma sintética, algumas narrativas de imigrantes retornados e que enfatizam a aplicação de seus ganhos, oriundos e gerados no Brasil, em atividades no espaço de origem, alguns limites e possibilidades desse processo na dinâmica considerada de desenvolvimento.

Alguns aspectos do debate sobre imigrantes e desenvolvimento

Há muitas questões, polêmicas e complexidades quando se discute ou se quer trabalhar com noções como desenvolvimento, transnacionalismo, retorno e remessas financeiras relacionadas aos imigrantes. Na realidade, elas sempre

⁴ A pesquisa de campo desenvolveu-se em vários momentos nos anos de 2021 e 2022 nos dois municípios informados. Ela possuía um carácter qualitativo, centrando temas como trabalho, remessas, investimentos, retorno, vínculos familiares, dádivas, dentre outros aspectos. A pesquisa não fez recorte nenhum de seleção de interlocutores. Eram todos imigrantes senegaleses, muitos deles, trabalhadores de frigoríficos de carnes, dimensão essa intensa nos dois municípios. A interlocução obedeceu ao horizonte da “bola de neve”, um interlocutor indicando outros. Foram entrevistados de uma forma mais efetiva e com mais tempo de diálogo 15 senegaleses no Brasil e, em torno de 15 também no Senegal, em particular, na periferia de Dakar e na região de Casamance, sul do país. A pesquisa está em desenvolvimento. O texto aqui presente é uma primeira aproximação, em carácter exploratório em torno do tema.

⁵ Agradecemos à Universidade de Verona, pela bolsa de professor-pesquisador, por meio do Programa MO.CO.SVI. (Mobilidade para a Cooperação Internacional) – Edital “Mobilità per la Cooperazione allo Sviluppo Internazionale 2021”.

existiram, porém, o que podemos ressaltar é que, nas últimas décadas, por múltiplas razões, ganharam maior visibilidade e dinamismo.⁶ Mas, não podem ser tratadas como dadas, nem essencializá-las, muito menos generalizá-las como fazendo parte de toda a dinâmica migratória atual. Na questão do transnacionalismo⁷, é importante também ressaltar que nem todos os imigrantes assim o são, ou desenvolvem processos relacionais e geográficos configurados nesse horizonte.

A tese que se evidencia por governos e agências de desenvolvimento é a de que se houver investimentos econômicos e sociais nos locais de origem, seria reduzida a necessidade e (ou) o ímpeto para a saída. Logo, os países de maior absorção, estariam com contingentes reduzidos de imigrantes e, com isso, atacando “o mal pela raiz”, auxiliando-os “na casa deles para não virem na nossa”, ou seja, “para que fiquem lá”. No Parlamento e na Comunidade Europeia há políticas de auxílio financeiro para que determinados países não deixem imigrantes saírem com destino a regiões da Europa. É o caso da tão polemizada e já comprovada realidade vivida por imigrantes que chegam e permanecem um tempo na Líbia para, de lá, tentar chegar aos territórios do sul da Europa. Além de outros aspectos, imigrantes servem de moeda de troca para governantes nos locais de saída dos fluxos. Governos e sociedade europeia sabem disso e, pouco fazem para alterar esse quadro, ao contrário, continuam incentivando-o na medida em que seguem atuando nos espaços de saída, injetando dinheiro junto à esfera pública para que governos destes locais a impeçam (Cesareo, 2021; Ambrosini, 2017).

Outras abordagens enfatizam que as remessas financeiras enviadas pelos imigrantes que atuam nos espaços de destino são fundamentais para a promoção de processos de desenvolvimento econômico e social. Em vários períodos, dados vêm revelando que elas superam os auxílios financeiros enviados pelos países centrais às várias nações e regiões de grande origem de fluxos, principalmente os da África norte-ocidental. Análises também dão ênfase

⁶ Uma análise sobre retorno de imigrantes, bem como a discussão sobre remessas poderão ser encontradas em Fazito (2010); Lazzari (2009); Siqueira (2009); Caselli (2021).

⁷ Não temos condições de aprofundar essa questão em razão do espaço reduzido. Para quem quiser referências sobre o tema, ver Ambrosini (2009); Brignol (2010); Castles (2005).

ao fato de que é possível a promoção do co-desenvolvimento, ou seja, processos orientados e associados por mediações de grupos sociais, entidades públicas e privadas dos dois países (de origem e de destino), imigrantes e suas associações, esferas bancárias, dentre outras entidades, que, unidas e em torno de objetivos comuns, poderão ser um grande canal viabilizador de melhores condições sociais e econômicas, principalmente, nos países de origem e, com isso, reduzir os fluxos de saída e transformar os imigrantes em agentes de desenvolvimento.

Nessa abordagem e ação, imigrantes passam a ser sujeitos centrais, pois são eles que conhecem melhor a realidade de seu espaço regional e, no limite, de seu país, principalmente seus horizontes culturais, demandas e carências. Eles podem fazer as mediações com entidades de seu país como igrejas, empresas, ONGs, bancos, associações de moradores, esfera política, etc. Advoga-se e acredita-se que o co-desenvolvimento⁸ vai além da costumeira prática de enviar dinheiro para governantes nos países de destino por agências, em geral, europeias, e que, comumente, não há participação da população local nas demandas, na fiscalização da aplicação, muito menos na avaliação de resultados em termos de eficácia.

Partimos do princípio de que não há desenvolvimento sem mobilidade humana, porém, ele pode ampliar e (ou) reduzir a dinâmica dessa última (Lazzari, 2009). Não podemos esquecer que são várias as mobilidades (econômicas, financeiras, informacionais, tecnológicas etc.). Contudo, a humana é a central, a fundamental; expressa muitas causalidades, demanda intensa colaboração junto aos espaços de destinos e dos de origem (Piperno; Stocchiero, 2011, p. 16). Autores enfatizam que os pressupostos da produção das desigualdades entre países ampliaram-se e aprofundaram ainda mais o fosso que separa os enriquecidos e os empobrecidos (Ramos, 2003; Mouhoud, 2006). Desse modo, o desenvolvimento econômico mais equitativo entre países e regiões torna-se um grande desafio, um imperativo e uma aposta, não só para a esfera pública, mas para a sociedade civil numa dimensão descentralizada. Por isso que, para muitos contingentes migratórios, dificultar, barrar, impedir essa

⁸ Para uma análise detalhada sobre co-desenvolvimento, ver Marini (2015); Baldini (2021); Beauchemin (2013).

possibilidade, significa atuar sobre as vítimas e não sobre quem e o que as conduz; é vitimar quem já é vitimado, culpar o outro para não culpar a si próprio, daí a importância do desenvolvimento econômico (Piperno; Stocchiero, 2011; Marini, 2015). Com isso, não se quer dizer que não se deva ter regramentos ou que se deva permitir a irregularidade, mas, sim, fazer um grande esforço de ação conjunta que impeça os agentes que exploram e convencem imensos contingentes a migrarem sem nenhuma condição legal e segura, enfrentando perigos, resistências e preconceitos.

A União Europeia, desde outubro de 1999, por ocasião do encontro de Tampere (Finlândia), vem orientando e incentivando ações de parceria e de benefícios partilhados entre países de origem de fluxos e os de destino, como forma de coesão também territorial de desenvolvimento. O Conselho da Europa define o co-desenvolvimento pelos laços que “reúnem os migrantes, os governos e outras instâncias públicas e privadas à volta de um projeto de colaboração visando contribuir para o desenvolvimento do país de origem dos migrantes” (Ramos, 2007, p. 78). Esse processo pressupõe ações de cooperação com dimensões descentralizadas, bilaterais e (ou) multilaterais, em instância de cunho local para desenvolver atividades de domínios variados. A partir dessa concepção, imigrantes são vistos e auto concebidos como “sujeitos econômicos” (Ceschi; Stocchiero, 2006; Wihtol de Wenden, 2013; Marini, 2015; Ramos, 2012). Porém, junto com as questões ligadas ao desenvolvimento econômico e social, deve-se também discutir os seus impactos em vários âmbitos nas duas sociedades, a otimização das remessas, os recursos humanos que saem de um lugar, chegam em outro e retornam, inserções territoriais, a reestruturação no mercado de trabalho, as conflitualidades em ambos os espaços, as vantagens e os recursos disponibilizados. Castles (2005) já dizia que as migrações internacionais sempre foram, mas, na atualidade ainda mais, uma das principais forças de transformação social em todas as regiões do mundo.

Porém, as discussões se ampliam quando se enfatiza a questão da “fuga de cérebros”, de pessoas qualificadas em termos de formação no ensino superior e que acabam buscando espaços transnacionais para atuar, reduzindo potenciais

de desenvolvimento nos locais de origem. Dados estatísticos demonstram que os Estados Unidos, de 1994 a 1999, incorporaram mais de 350.000 pessoas com título superior provenientes de vários países, dentre os quais 124.000 indianos, 68.000 chineses, 57.000 filipinos, 49.000 canadenses e 42.000 britânicos. Cerca de 13% dos formados no ensino superior mexicano, em 2018, viviam nos Estados Unidos. Em alguns países da América Central, a cifra chega a 20%. Países da África como Gâmbia, Serra Leoa e Gana chegaram a perder 60%, 25% e 26% respectivamente, de seus formados no ensino superior nos últimos 10 anos. O interessante é que um número significativo (36%) dos africanos que emigraram para os Estados Unidos nos últimos 10 anos, são profissionais universitários; os que vão para a Europa, em boa parte, não o são (Cesareo, 2021). Segundo a Unesco, existiam, em 2017, mais de 680.000 cientistas e engenheiros estrangeiros trabalhando nos setores de pesquisa e desenvolvimento em países industrializados (Idos, 2021). Análises enfatizam que as remessas financeiras não conseguem compensar essa perda e, quem ganha com isso, são as sociedades de destino. Para a tese em questão, as soluções seriam a promoção de desenvolvimento nos espaços de saída, ou seja, distribuir melhor os recursos, mudar as relações internacionais e alterar as causas que promovem o desenvolvimento do subdesenvolvimento (Villarreal, 2021; Delfim, 2018; Macedo, 2019; Ambrosini, 2009).

Esses dados das ditas *migrações qualificadas* revelam realidades incontestes, ou seja, dinâmicas de desenvolvimento que se reproduzem de uma forma desigual, atração de mão de obra qualificada por grandes empresas e centros de pesquisa, esvaziando ainda mais as possibilidades de otimização dos recursos humanos nos países empobrecidos. Elas revelam, também, que há redes diversas que se constituem na intermediação, tanto pública, quanto privada e informal, que viabilizam isso. Em tese, esses são imigrantes que “não incomodam”, são os solicitados, os tutelados, os idealizados e os que os “autóctones querem” (Ambrosini, 2009, p. 56). Essa realidade expressa o quanto é difícil fazer com que não haja essa migração e otimização de recursos humanos formados em países de nascimento e que chegam qualificados em

países de destino, bem como o fato de que há necessidade de muitos investimentos nos espaços de origem, mas, acima de tudo, interesse deliberado para isso acontecer que, ao que nos parece, não é tão evidente.

Algumas análises demonstram que o retorno financeiro fruto de saídas de pessoas profissionalizadas ou não, compensa em termos econômicos para os países de origem e de destino. A emigração poderá reduzir a pressão demográfica, bem como a desocupação e (ou) a ocupação precária no país de origem. O governo filipino, por exemplo, deu boas vindas às centenas de milhares de emigrantes que reentraram no país por ocasião do Natal de 2000. O país possuía, em 2000, mais de cinco milhões de cidadãos no estrangeiro (6% da população). O referido governo se sentiu grato pelos 7 bilhões de dólares que seus migrantes mandaram no referido ano. É também o caso do governo mexicano que tratou seus emigrantes como heróis, pois recebeu, em 2017, o equivalente a 3,8% do PIB com remessas de imigrantes (Cesareo, 2021). No primeiro trimestre de 2022, o referido país recebeu 12,5 bilhões em remessas. Isso revela a dinâmica intensa das (re)emigrações nesse ano de 2022, período já considerado por alguns países e no cotidiano social, de pós-pandêmico (Covid – 19). A importância das remessas financeiras torna-se inconteste nos vínculos entre imigrantes e suas famílias, junto às comunidades de origem, possíveis dinâmicas de desenvolvimento em regiões onde os maiores fluxos de saída se apresentam, etc.⁹ Na realidade, os nexos causais entre migrações e desenvolvimento são uma questão ainda aberta; sendo que há muitas controvérsias opondo pessimistas e otimistas (Ramos, 2012; Hass, 2010), bem como expressam complexidades analíticas, desafios e imperativos nas possibilidades reais de otimização.

Transnacionalismo e remessas

Portes *et al.* (2006) diz que o transnacionalismo expressa o conjunto das ocupações e atividades que imigrantes necessitam para serem realizadas,

⁹ Fonte: Secretaría de Gobernación; 16/06/2022. Niem-Migração, matéria de 10/07/2022.

incluindo contatos sociais regulares, prolongados no tempo, através dos confins nacionais. Não é algo novo no campo migratório, porém mais intenso e mais frequente; talvez, esse processo possa ser uma boa chave de leitura para entender ligações e práticas sociais dos imigrantes senegaleses em particular, das novas configurações do viver transnacional; relações em redes múltiplas, em intercomunicação e transferência geográfica e sociocultural de pertencimentos (Caselli, 2021; Marini, 2015). É uma lógica que envolve o estado-nação e, por isso, cruza fronteiras; um campo social que transpassa ações para além dos limites, das barreiras e sentidos das fronteiras nacionais, que permanecem nos limites dos dois países.

Quando se fala em transnacionalismo, imediatamente o ligamos aos liames fronteiriços e às redes; ambas definem e, ao mesmo tempo, transcendem os confins nacionais, uma espécie de horizonte entre indivíduos e grupos em interação (Ambrosini, 2009). Ligado aos imigrantes, ele expressa vínculos constitutivos de parentelas, reciprocidades, produtos comerciais mesclados com dimensões de solidariedade e etnicidade (Portes *et al.*, 2006). Entendemos que a mobilidade de pessoas é estrutural e se alimenta, como é sabido, para além da dinâmica de atração e expulsão (ainda que reconhecendo a importância dessas duas dimensões, as quais se retroalimentam); há interdependência de processos entre as pessoas, espaços, vínculos comerciais e informacionais que também transitam com elas, fato esse que pode alimentar ainda mais os fluxos (Pastore, 2006; Delfim, 2018; Marabello, 2009).

Com essa concepção de transnacionalismo ligado ao mundo migrante contemporâneo, Villarreal (2021) insiste que, para haver correlação entre migração (remessas) e desenvolvimento, seria necessário que o benefício econômico atingisse tanto zonas de atração quanto as de origem, que houvesse transformações econômicas, técnicas e de conhecimento; ou seja, que se constitua interações e vínculos constantes entre os dois territórios para além das viagens que imigrantes realizam para visitar os seus familiares. Não há dúvida de que a possibilidade de imigrantes investirem economicamente nos locais de origem, a partir de conhecimentos adquiridos e (ou) adaptados em locais de

destino, revela indícios de uma ainda que incipiente possibilidade de desenvolvimento. De uma forma ou de outra, em alguns aspectos, isso torna-se importante, pois, como vimos entre imigrantes senegaleses retornados, no mínimo, permite melhores condições de consumo para as famílias e exerce um ponto de germinação de redes de ações mercantis que se intensificam.

Os múltiplos transnacionalismos (econômico, político, cultural, afetivo, territorial, religioso, dentre outros)¹⁰, presentes nas relações com imigrantes, revelam que esses são sujeitos múltiplos, que preservam, carregam consigo, transpõem e alteram muitos horizontes de vida e de experiência no ato de migrar, ao mesmo tempo em que produzem e recompõem, mesmo em cenários limitados, seus múltiplos pertencimentos e/ou envolvimento com certo poder e participação. Em boa parte, é isso que vimos em nossa pesquisa no Senegal¹¹, bem como em nossas entrevistas com imigrantes senegaleses no Brasil e com alguns retornados do referido país.

Investimentos, retornos e remessas: senegaleses em seus espaços de origem

As remessas financeiras e as redes afetivas, ambas se retroalimentam no horizonte familiar e não permitem que se produza tantas rupturas, distanciamentos e hiatos de pertencimentos (Ambrosini, 2009). Certamente que os imigrantes jogam um papel importante nesse processo e deve-se potencializá-los e reconhecê-los ainda mais. É importante conceber que a migração internacional é parte de uma estratégia de desenvolvimento econômico em ambos os países e, isso se constitui de longa data e há fatores estruturantes que precisam ser reconfigurados. Nesse sentido, é importante ter presente que, para haver mudanças reais e favorecer os países de origem dos fluxos, há necessidade de alterações estruturais em termos econômicos; essas não se alteram da noite para o dia, nem mesmo enviando dinheiro.

¹⁰ Para uma análise desses vários transnacionalismos, ver Marabello (2009); Marini (2015); Cesareo (2021); Ambrosini (2009).

¹¹ Sobre a imigração senegalesa no Brasil e, em particular, na parte sul, ver Macedo (2019).

Só para termos uma ideia de um curto tempo, as remessas mundiais em 2017 foram em torno de 620 bilhões de dólares. Em 2019, atingiram 714 bilhões de dólares, com um aumento de 3% em relação a 2018. Em 2020, reduziram um pouco em razão da pandemia e da crise econômica, chegando a patamares próximos a 600 bilhões de dólares (Merotta, 2021). Olhando essa soma toda, sem dúvida, imagina-se que deva ter um impacto forte nos países que as recebem, porém, especialistas do tema dizem que a realidade não é tão natural assim, há uma série de elementos envolvidos e pré-condições necessárias.

Para isso, é necessário envolver uma multiplicidade de atores não institucionais nos diversos territórios locais. O elemento central deste processo é a concepção de que imigrantes podem se tornar atores do desenvolvimento (Marini, 2015; Baggio; Nascimento, 2019), porque são capazes de transformar as suas relações e o seu capital social e humano em recursos. Veremos a seguir alguns elementos nesse sentido, fragmentos de entrevistas que abordam dimensões entre os dois espaços, investimentos financeiros, remessas e retornos de senegaleses.¹²

Vimos em nossas entrevistas com senegaleses¹³ de que há uma racionalidade da obrigação, da dívida, uma clara consciência da necessidade de “não deixar ninguém preocupado lá”, de constituir uma reserva financeira para momentos de maior dificuldade, para seguir com as obrigações, com a sua *performance* de pai, marido, filho, neto de quem ficou. Essa é uma racionalidade que move ações de todos os entrevistados nesse sentido. Isso faz com que imigrantes assumam diferentes papéis e vínculos. O recebimento de recursos financeiros representa um amplo fator para a viabilização de processos que podem ser expressivos de um nível maior de conforto para as famílias de

¹² Como já informamos, nosso estudo está em construção, ainda estamos num estágio exploratório de análise. O estudo maior necessita de uma melhor sistematização envolvendo não somente os retornados, mais suas reemigrações, suas relações com os que continuam imigrantes, bem como as redes que se constituem entre os dois locais (origem e destino), grupos e instituições mediadoras nas ações consideradas promotoras de desenvolvimento.

¹³ A pesquisa qualitativa de campo foi embasada em entrevistas junto a senegaleses, somente homens, nos municípios de Passo Fundo e Chapecó no Brasil, bem como no Senegal, em particular, na capital, Dakar e, na região de Casamance no mês de junho de 2022. A dinâmica metodológica adotada, numa perspectiva circular, permitiu-nos entrevistar no Senegal familiares de imigrantes encontrados no Brasil.

origem¹⁴. Segundo Macedo (2019, p, 350), as remessas são “fundamentais para muitas famílias e parentes dos migrantes nos países de origem [...], significam bem mais do que a circulação de valores e bens, constituindo-se em importantes maneiras de sustentar relações e conexões diaspóricas”.

Não há dúvida que não é nada fácil para as famílias se reorganizarem no espaço de origem em razão da saída de algum membro, principalmente se for marido/esposa com filhos. Para o caso de nossos entrevistados, foram somente homens os entrevistados e que saíram. Alguns desses limites provocados pelas ausências de filho/pai/esposo são sanados, mas outros são produzidos, pois novas relações demandam novas configurações. O novo contexto produz, reproduz e rompe relações já consolidadas em um dos espaços, mas expressa novos dilemas (Scabibi; Rossi, 2008). As famílias passam a contar com o dinheiro dos imigrantes, assim como comerciantes nas proximidades do núcleo familiar e setores, em particular, o da construção civil, bem como o campo religioso. Autores enfatizam que os imigrantes desenvolvem uma “economia do dom” em meio a uma racionalidade que se alimenta pela lógica do dinheiro em seu extremo. No entanto, entrevistados enfatizam a dependência de familiares, igrejas e o comércio local em relação aos recursos financeiros. “Muito do que você viu professor aqui é fruto do dinheiro que chega do pessoal que está fora”. Cinco dos entrevistados relataram que há incentivos, deliberações e legitimidade no interior da família e de comunidades religiosas (confraria Mouride, em particular) para emigrar. “Isso incentiva mais gente para sair [...]. Quanto mais se desenvolve aqui as coisas que dão dinheiro, mais gente se sente na obrigação de sair” (Entrevistas com retornados do Brasil, na região de Casamance).

Em geral, senegaleses, nas narrativas de entrevistas, reclamam da intensa e sequente demanda de seus familiares por envio de dinheiro; dizem que se movem pela ideia equivocada do dinheiro fácil, ou, então, que “no Brasil se ganha e se gasta aqui com o que não se deve”. Uma liderança religiosa entrevistada disse que há um grande irrealismo, ostentação e fantasia de

¹⁴ Não temos condições de aprofundar questões ligadas às remessas em razão do espaço reduzido. Ver análises em Soares (2009); Siqueira (2009); Martes; Soares (2009); Fall (2016).

sucesso, principalmente “quando retornam para visitar os familiares” em razão de seus presentes, dinheiro no bolso e consumo exagerado de coisas extravagantes. “Isso demonstra que sair propicia vida melhor; que o certo é sair e não ficar aqui. Tem muito disso entre nós, quem sai recebe benção, é bem visto”.

Esses processos todos se tornam representações da migração, dos papéis sociais no interior da família, do fato de ter se deslocado dela, de tentativa de recomposição de obrigações, de pertencer a um espaço/lugar, a um grupo familiar, de ser aceito, de continuar mantendo a promessa e o desejo do retorno definitivo, como é o caso expresso pelos investimentos em moradias modernas, bem como na produção de um *status* social no interior de seu grupo ampliado e, por extensão, de sua comunidade de interconhecimento. Como diz Ambrosini (2017, p. 116), nas remessas, há transações explícitas e implícitas, visíveis e não, materiais e simbólicas, reciprocidades, ostentação, racionalidades, assimetrias, recompensas diretas e indiretas. Esses horizontes materiais somados aos simbólicos, às representações positivadas da emigração no espaço de origem, produzem desejos de saída, constituem capital social, incorporam dimensões positivadas socialmente.

O envio de remessas produz no imigrante um direito moral de reconhecimento, de exigências em relação a quem recebe, transfere poder aos que dependem do dinheiro, porém, exige-se que sejam cuidadosos com os filhos e idosos, bem como na aplicação do dinheiro. Em geral, a *economia das remessas* (Ambrosini, 2009) é sempre uma dimensão eivada de tensões e conflitos. Há questões de gênero presente, pois mulheres que administram o dinheiro e os investimentos incorporam também outros papéis sociais, fato esse que as diferencia de outras mulheres/esposas que não possuem maridos e (ou) filhos migrantes. Desse modo, há outros horizontes *produtivos* que se expressam em investimentos emotivos, simbólicos, comunitários, territoriais que, no âmbito dos locais de origem, são importantes, principalmente para as mulheres que, no caso senegalês, se há filho(s) na família, elas migram menos (Fall, 2016; Espiro, 2017 e 2021).

Remessas, centralidade da família e o espaço de origem

Todos os entrevistados dizem que as remessas financeiras são condição para viabilizar melhorias na alimentação, na saúde, no cuidado com os idosos, nas escolas, etc. Alguns dos entrevistados dizem que “isso é desenvolvimento; as crianças vão ter melhor futuro amanhã”. Isso tudo, em nosso modo de ver, expressa que imigrantes são também promotores de capitais humanos que produzem efeitos fundamentais na sociedade local. São *remessas sociais* (Ambrosini, 2009) que produzem outras dimensões expressivas entre famílias, na vida familiar e social no espaço de origem e que podem construir alianças, manter vínculos estendidos e alargados, permitindo consumir mais e induzir a produção, situar-se melhor na sociedade e no mercado (Marini, 2015; Macedo, 2020). Porém, são processos seletivos, diferenciadores, que produzem dependências, desvalorização em relação ao local, inclusive, reduzindo possibilidades de alternativas próprias de desenvolvimento, pela esfera pública e outros atores sociais, pois há a dependência de recursos provenientes de fora, de quem saiu, dos emigrantes.

Vimos nos bairros e cidades que estivemos no Senegal, tanto na região de Dakar, quanto no Sul, em Casamance, a intensa quantidade de casas inacabadas. Em conversa com imigrantes retornados, eles nos disseram que, muitas delas, são de imigrantes, as quais “vão sendo construídas aos poucos, com o dinheiro que enviam”; outras são fruto de políticas governamentais de auxílio à moradia, porém, em geral, o recurso é reduzido, ou, então, é canalizado para a sobrevivência da família e, com isso, “as casas ficam aí desse jeito e o pessoal que é dono fica esperando até vir mais um recurso do governo”; ou, então, quando as remessas são suficientes para a sobrevivência da família, “não precisa usar o dinheiro do governo e se constrói as casas. Eu mesmo estou construindo uma que complementa o auxílio do governo (Entrevista com imigrante retornado¹⁵ em Dakar, junho de 2022).

¹⁵ Ele havia retornado em razão de problema de saúde produzido pelo espaço insalubre que trabalhou por quatro anos em frigorífico. Investiu dinheiro na compra de dois carros para trabalhar como taxista em Dakar. “Fiquei com problema de pulmão pelo frio, calor e umidade,

Continuando sobre a questão das remessas financeiras, podemos afirmar que elas podem ganhar a feição social, ou seja, incorporando novos processos ao conceito de desenvolvimento. Nisso tudo pode haver, uma espécie de *welfare* transnacional (Ambrosini, 2020), através de remessas individuais e coletivas, do retorno de imigrantes, da mobilização de conhecimentos, da organização de mútuo auxílio, capacidade de potencializar a auto-organização (Marabello, 2009). Na concepção de Fall (2016), os imigrantes e as migrações propiciam ligação estreita com o desenvolvimento local, em geral, favorecendo os que permaneceram, as comunidades de origem, e, se houver retorno de alguns, possivelmente novos empreendimentos terão lugar. Entrevistamos um senegalês retornado¹⁶ ao seu país, que diz ter poupado “o que ganhei em seis anos lá no Brasil, e montei junto com o pai uma pequena agropecuária, 5 km de Dakar e vou indo bem”. Ele enfatizou várias vezes que seu sonho era ter um pedaço de terra “para ir plantando também sementes de feijão e milho, plantar mandioca, tempero, aqui vende, vende bem isso”. Mas, que para realizar isso, “só indo para os Estados Unidos¹⁷; é o que estou pensando em fazer [...]. Na agropecuária, fiz um investimento que está dando resultado para minha família e favorecendo muitos aqui”.

Em entrevistas com membros da Associação de Senegaleses de Passo Fundo e também de Chapecó, eles nos informaram que muitos de seus membros auxiliam na construção de escolas, igrejas, outras necessidades comunitárias, investimentos em plantações na agricultura. Nessa dinâmica, é interessante elencar alguns casos que colhemos em pesquisa de campo. Lamine, imigrante senegalês, que reside em Passo Fundo, auxilia seu irmão, cunhado e irmã numa plantação de banana no sul do Senegal, região de Casamance, bem como participa como sócio do mesmo.

tudo junto, no setor de confecção de salsicha e salame. Numa sala era 12 graus, em outra era mais de 40 (defumação de embutidos e bacon) e sempre umidade”.

¹⁶ Ele havia retornado por questões familiares e, também, por ter investido numa agropecuária. Seu pai já estava com idade avançada e, “quem devia seguir aqui com a agropecuária devia ser eu”.

¹⁷ Em nossos contatos mais recentes (novembro de 2022) com a família desse senegalês retornado, ficamos sabendo que ele tentou entrar para os Estados Unidos pela fronteira com o México e, está retido em prisão de fronteira há mais de 20 dias sem comunicação com a família, fato esse que os preocupa muito.

Patrice é outro imigrante senegalês residente em Passo Fundo que planta cítricos (laranja e limão) com irmãos seus no Sul do Senegal e, idealiza em poucos anos retornar, pois, segundo ele, “já está dando bem, já sustenta as famílias lá [...]. Eu invisto nisso já faz uns cinco anos”. Outro caso é o de Mamadou, que importa doces, farinha e remédios à base da planta Baobá para São Paulo e diz que “foi o primeiro a fazer isso no Brasil e está dando certo”. Ele possui uma rede de comerciantes e exportadores situados em Dakar e que viabilizam isso para várias partes do mundo. Diz o entrevistado que, “agora vou também importar café, aquele de Toubá, que todos os senegaleses gostam e estão acostumados [...]. Doces e farinha de Baobá e café por enquanto, mas a gente vai vendo sempre o que dá para ampliar”. É o caso, também, de Moussa, que na região de Casamance, em associação com seu cunhado de origem italiana, montou uma padaria e uma confeitaria, e comenta que “logo eu também vou para lá [...]. São 12 anos como imigrante (Mauritânia, Espanha, Argentina e Brasil), ajudei a fazer a padaria, ajudei muitas coisas no meu bairro. Eles todos lá gostam de mim. Agora eu acho que é hora de voltar”. O referido entrevistado enfatiza que pretende retornar “ainda esse ano [2022] para meu país. Lá, agora vai dar para ganhar dinheiro e deixar bem minha família”.

Segundo Macedo (2019), essas ações transnacionais demandam algum tempo para serem construídas e observadas, pois, primeiramente, cada migrante precisa se estabelecer no novo contexto para depois passar a contribuir com sua família ampliada e, posteriormente, viabilizar a rede de colaboração no país de origem. Segundo Fall (2016), entre 2000 e 2010, senegaleses originários de um espaço local do país, residentes em Paris, foram responsáveis pela construção em Sadel, no Senegal, de uma escola com seis salas de aula, uma plantação de bananas, um posto de saúde, extensão de canalização de água. Uma outra experiência de ação de outro grupo viabilizou a construção de uma escola primária de 22 salas de aula e reforma da mesquita construída em 1979 (Macedo, 2019). Esse processo desenvolve uma concepção de que os recursos estão fora, em outro país e, para tê-los, há necessidade de migrar, ou, então, retornar com experiência e com dinheiro (Macedo, 2019;

Espiro, 2021). Pelas nossas entrevistas, vimos que há investimentos imobiliários, juntamente com os comerciais, preferidos pelos imigrantes, mas há também na agricultura, em geral, de quem é oriundo desse espaço ou de municípios pequenos e quem têm base econômica nela.

Há casos em que imigrantes enviaram dinheiro para a reforma e ampliação do centro de saúde, compraram ambulâncias e medicamentos, colaboraram para o pagamento de uma equipe médica, auxiliaram na construção de mesquitas, criaram uma estação de rádio comunitária e ajudaram famílias em necessidades, foram construídos abrigos com serviços de saúde, melhoramento nas casas, etc. (Fall; Gamberoni, 2010). Em geral, para viabilizar isso, há ONGs, acordos com prefeituras, outras entidades de igrejas e (ou) do terceiro setor de ambos os espaços (origem e destino). Em pesquisa de campo no Senegal, fizemos um levantamento de casos nesse sentido e que aqui não temos condições de analisar em razão do espaço, porém, falta uma política mais estruturada em nível governamental para auxiliar, assessorar, otimizar fatores que sejam promotores de desenvolvimento como há em alguns países como a Bolívia, México, Bangladesh, Paquistão, China, dentre outros (Idos, 2021).

Mesmo na ausência de uma mediação institucional, pública, financeira e do terceiro setor nesse sentido, pelas nossas entrevistas no Senegal e mesmo no Brasil, ficamos com a consciência de que imigrantes retornados podem ser agentes de algum nível de desenvolvimento na medida em que empreendem, retornam por vários motivos, mas, dentre eles, porque já realizaram seus objetivos e angariaram recursos para viver melhor com os seus, para os seus e nos seus espaços de referência. Eles podem ser portadores de inovação, novos conhecimentos, experiências adquiridas, além de otimizar fatores nos espaços de origem, mantendo redes e relações com o cenário vivido da imigração e, com isso, podendo facilitar alguns dos processos que envolvem o transnacionalismo econômico (Soares, 2009; Durand, 2006).

Mencionamos que imigrantes em entrevistas, em geral, invocam a fidelidade às tradições no país de origem, bem como o retorno no cenário do *terreno* (sua territorialidade de referência). Esse é seu ponto de saída e de

retorno; é sua dimensão geográfica e sentimental de referência; sua fonte de relações transnacionais, seu espaço para investimentos “do que sobra de dinheiro”, suas redes e sua dívida. Estudos demonstram que imigrantes, ao retornar, replanejam suas vidas tendo a identidade de imigrante novamente como possibilidade. Desse modo, a emigração, as identidades de imigrante, de retornado e, em muitos casos, de reemigrante, revelam múltiplos dinamismos, movimentos e alterações que se processam na concomitância das mudanças nos territórios e nas condições da vida cotidiana, dos sujeitos que se distanciam e se aproximam. Essas são realidades complexas, nem sempre definidas a priori e que operam mudanças subjetivas, valorativas e nas idealizações dos que migram e dos que permanecem.

Por isso, o retorno pode ser expressão de fracasso ou obtenção de resultado positivo, de sucesso econômico e de idealização¹⁸. Ele expressa diversidade de processos. Nem sempre é a família toda que retorna e, dependendo do tempo que permaneceu como imigrante, algum filho pode ter nascido e vivido anos no país de destino de seus pais, porém não conhece o de origem deles. Há situações em que os pais querem retornar, mas os filhos não, em razão de terem se ambientado, socializado, possuído uma formação escolar no país de destino; de não terem desenvolvido tantos vínculos no espaço de origem (amizades, parentesco, família ampliada, lugar/local de vida dos pais etc.). Isso, em geral, produz conflitualidades no interior da família.

Outros fragmentos de entrevistas enfatizam que “tenho nostalgia sim da minha terra, de meus pais. Minha esposa e duas filhas estão lá (no Senegal) e vivo mandando dinheiro”; “como te disse, já estão estudando em escola particular, escola boa, meu pai tem um restaurante, ficou bem reformado, bem bonito [...]. Eu mandei para lá dinheiro”; “minha mãe tem uma banca de frutas e vende na rua [...]. Aqui não é terra da gente [repete ele], não se cria apego aqui, mas acho que imigrante não cria em lugar nenhum. O senegalês é assim, não cria raiz onde ele vai, porque logo ele sai, mas, no fim, todos voltamos para nossa

¹⁸ Para nosso caso, temos a convicção que, geralmente, um imigrante senegalês tende a não retornar senão quando seu percurso migratório tenha sido definido como “de sucesso”. Vários entrevistados em Passo Fundo e Chapecó informaram isso.

terra porque botamos nosso dinheiro [...]. Trabalho aqui e invisto lá com a minha família. Temos uma grande plantação de banana lá, grande viú, lá”; “aqui se eu contasse quantos eu conheci e que não estão mais e, quantos novos chegaram, eu perderia a conta [...]. Nós procuramos onde achamos que se damos bem [...]. É para poder mandar dinheiro para lá [...]. Sim, mando dinheiro para a igreja lá sim” (Fragmentos de entrevistas com senegaleses em Passo Fundo e Chapecó em torno do tema do retorno e das remessas, em julho de 2022).

Em alguns países, há uma dinâmica de representação social positiva para quem decide emigrar. Uma pesquisa realizada no Senegal em 2007, com mais de 500 pessoas, revelou que 93% declararam ter intenção de migrar (Macedo 2020). O estranho de tudo isso é que “para casar, para arrumar mulher, para ter filhos”, como descrevemos, baseados em suas narrativas, os sujeitos precisam se deslocar deles todos (pais, cônjuge, filhos), permanecer por anos sem sua presença física e geográfica, mas com uma “presença econômica”; necessitam se separar para formar uma união familiar. A unidade depende da separação, muitas vezes por tempos longos, por alguns anos. Uns precisam sair para que outros possam ficar. As remessas financeiras produzem essa lógica da saída para a permanência; elas permitem separar para que um horizonte da unidade (grupo familiar) permaneça, ao mesmo tempo, elas são um componente fundamental para a recomposição familiar, para ligar a dimensão econômica com a social, moral e afetiva (Espiro, 2017; Minvielle, 2015). Um imigrante retornado do Brasil, entrevistado¹⁹ num município do sul do país (região de Casamance), ao ser questionado sobre o desejo expresso de reemigrar, de deixar sua esposa, uma filha de três meses (em junho de 2022), disse que era normal isso; “todos fazem assim; é para o bem dela [filha]; sem isso, você viu, é muita gente aqui e, não tem trabalho [...]. Aqui tem alguma coisa boa porque foram os imigrantes que fizeram [...]. A escola, igreja em construção, a que fomos lá e você viu, o posto de saúde, isso tudo tem muito a mão dos imigrantes; eles fazem. [...]”. Ele enfatiza que a população local depende do dinheiro dos imigrantes, que

¹⁹ O motivo do retorno ao Senegal, segundo o entrevistado, deu-se em razão do desejo de permanecer com a família, pois não queria reagrupar no Brasil, mas, também, pelo fato que já havia investido numa plantação de abacaxi e na agricultura e queria trabalhar com parentes e sua família nesse empreendimento.

o poder público “não olha para a periferia. Aqui na periferia, nem a areia das ruas o governo não tira, carro não passa por isso, acumula areia [...]. Muito aqui são os imigrantes que estão desenvolvendo. Nem água tinha; hoje a maioria tem bomba e caixa d’água. A gente que começou com isso”.

Outro imigrante, entrevistado em Sedhiou, região sul do Senegal, retornado do Brasil²⁰, informou-nos que ficou sete anos sem ter visitado seus familiares porque ainda não possuía documentos e, também, porque segundo ele, “nunca consegui juntar um dinheiro, mandava tudo para cá. Eu tinha de decidir: ou enviava dinheiro para a família, ou guardava dinheiro para visitar a família. Hoje tenho uma casa boa e, a mulher tem um atelier de costura; foi eu que montei tudo; tem três mulheres que trabalham com ela [...]”.

Entrevistamos um outro imigrante retornado da Espanha, irmão do interlocutor anterior, em Casamance. Ele disse que já se passaram dois anos que ele havia retornado ao Senegal. Ele expressa uma tentativa de retorno em razão de ficar com sua família de origem (pais e irmãos) e, também, para agrupar com sua família (esposa e filhos). Ele fez questão de enfatizar que havia emigrado pela sua família, a de seu pai e, havia retornado “para minha família agora, para minha esposa e filha pequena”. Ele relata que “não fiz quase nada de dinheiro em todo esse tempo fora, minha saída não deu muito certo [...]. Minha família quer que eu volte para lá porque eu tenho documento, mas se é para sair, quero ir para os Estados Unidos”. Em nossas conversas com seu pai, ele demonstrou contundência nessa afirmação, porém, seu filho (migrante retornado)²¹, disse-nos que “ele diz assim, mas ele sabe que se eu sair, vai chorar por alguns dias. Só que ele sabe que não há como ter família aqui no Senegal, por isso quer que eu saia de novo. Mas já investimos na agricultura e vai ser um bom negócio”.

Segundo alguns entrevistados, o retorno pode vir acompanhado por uma forte dose de ilusão nostálgica, que, em pouco tempo, pode transformar-se em

²⁰ O motivo desse retorno deu-se em razão da família, da necessidade de ficar um período com ela, além de que seu atelier, segundo ele, permite “uma boa renda para a família. (...). Hoje estamos muito melhor do que quando saí”.

²¹ O retorno desse entrevistado deu-se pelo fato de ter, segundo ele, adquirido um pedaço de terra em Casamance junto com seu irmão e querer produzir grãos, principalmente, milho.

desilusão. “Pensei em retornar e me dar bem, mas é pura ilusão; aqui é tudo diferente e o pessoal acha que tu estás cheio do dinheiro e que tens obrigação de ajudar todo mundo. Muitos dizem que, na minha ausência, fizeram isso e aquilo para minha família. Na realidade, estão pedindo dinheiro”, diz um imigrante retornado em entrevista no Senegal. Ele trabalhava num frigorífico no centro-norte do Rio Grande do Sul e, diz retornar em breve e, “com certeza que volto para o emprego lá. O patrão disse que era para vir e voltar que o trabalho estaria garantido [...]. Estou instalando uma padaria aqui para minha família. Mais um mês está pronta e, daí eu volto”. O entrevistado enfatizou em seu relato que atua no setor de abate Halal²² do frigorífico e, em razão disso, “meu chefe não me larga. Eles precisam dos muçulmanos”. Ele disse que retornou para estar com a família, mas, também, porque idealiza montar e trabalhar na padaria, porém, disse que “já cansou de ficar aqui e sei que não vou mais me acostumar [...]. Investimento eu fiz na padaria e vai dar para todos eles aqui trabalhar e ganhar dinheiro”.

Não temos dúvida em afirmar que os imigrantes são produtores de mudanças e que alteram os territórios (de origem e de destino, mas também os territórios de passagem) na concomitância de sua mudança de vida e de cultura; fazem mundos circularem e movimentarem-se (mobilizam também mercadorias, negócios, línguas, costumes, visões de sociedade, saberes, desenvolvimentos em espaços duplos etc.) (Espiro, 2021). Eles são geradores de novas realidades sociais nos espaços em que se estabelecem. O mundo atual é pleno de fronteiras, de limites de inserção e internalização para determinados grupos sociais, nacionalidades, raças e crenças. Todas essas são construídas socialmente, eivadas de dimensões sociais, culturais e simbólicas (Agier, 2015; Macedo 2019). São dinâmicas que se processam aos olhos de todos e que as

²² O sistema de produção/abate Halal nos frigoríficos de carne (frangos e gado), de uma forma sintética, é um método de sacrifício/morte de animais sem receber choque. O animal precisa estar totalmente vivo para permitir que seus movimentos, imediatamente após ser degolado, eliminem o sangue do corpo. Halal significa “puro”, portanto, tem uma conotação religiosa. Há obrigações religiosas, rituais, direcionamento do setor de abate voltado para Meca, dentre outros processos. É um processo econômico, com vínculos da tradição religiosa de muçulmanos, e que marca intensa presença no Sul do Brasil. Algumas nacionalidades de imigrantes, por serem muçulmanos, acabam tendo uma grande importância para as agroindústrias. Para uma análise sobre o tema, ver Seidler (2012).

remessas financeiras e nem o possível incipiente desenvolvimento nos locais onde imigrantes retornados estão tenham sido solucionadas. Autores insistem que o desenvolvimento econômico nos locais de origem dos imigrantes depende também de sua concepção, aceitação e integração nos locais de destinos. Isso, ao que nos parece, continua muito ainda na esfera da idealização.

Considerações finais

Entendemos que há possibilidades das remessas financeiras, em particular, de se transformarem em iniciativas e recursos ao desenvolvimento; contudo, dependem de muitos fatores, mas, acima de tudo, da esfera pública em garantir estruturas e quadros político-institucionais que sejam integrados, estáveis, com o objetivo de continuidade, envolvendo vários atores institucionais e informais. Políticas precisam ser realizadas não só para impedir a saída, mas, também, para criarem condições infraestruturais e institucionais de desenvolvimento. E, isso, constatamos pelas nossas pesquisas no Senegal, há total ausência.

Compreendemos que as situações no campo migratório são dinâmicas, ou seja, vimos em entrevistas com senegaleses que não há desejo de permanecer para sempre no país de destino, bem como não há garantia de tempo de permanência e nem de retorno; a volta ao local de origem pode não ser definitiva. Há um conjunto amplo de fatores, em que, para algumas situações, poderão ser dadas prioridades que, em outras, não são mais centrais. Porém, não há dúvida de que a dimensão econômica (trabalho, ganhos, investimentos, empreendedorismo, sustento da família etc.) passa a ser central, podemos dizer "estrutural"; é o aspecto que dá a identidade de emigrante, que justifica e legitima, em boa parte, a ação de migrar.

Imigrantes poupam muito para poder enviar dinheiro e investir junto às famílias e no local de origem no Senegal. Com isso, eles contribuem para atenuar a crise financeira ou o risco econômico dos familiares, dinamizam um processo internacionalizado de trocas e de capitais. Vimos vários investimentos de imigrantes (retornados ou não) em setores imobiliários e automóveis (no

caso dos últimos, em particular, aquisição de carros para alguém da família atuar no serviço de táxi), bem como ampliação no poder de compra dos que permanecem no país. Dessa forma, viabiliza-se o “reembolso de honra” (Diop, 2002, p. 22) a quem auxiliou os que emigraram, como expressão da intensidade das relações sociais presentes e consolidadas antes de partir (Fall, 2016).

Temos a convicção de que, na correlação entre remessas, retorno, transnacionalismo e desenvolvimento, deve-se ter uma ação política configurada na cooperação descentralizada, envolvendo os imigrantes de modo ativo em seus países, mas, também, em seus espaços de destino, agregados às macropolíticas de instâncias públicas/governo e financeiras no âmbito internacional, com a participação efetiva de associações, universidades, igrejas, dentre outras entidades, com múltipla presença nos dois países, bem como grupos de base local em redes e trocas de informações e experiências.

Concluimos também que o retorno é uma ação movida por múltiplos fatores. Decidir por partir, trabalhar, ganhar dinheiro e, após alguns anos, retornar, deveria ser a lógica do *ciclo migratório* (Fazito, 2010). Porém, vimos que não é bem assim. Há o repensar, tanto da permanência, quanto do retorno, até porque este último, como já vimos, não é o fim do ciclo, ou, então, não necessariamente. O retorno, em geral, é impactante, pois sabemos que a vida afetiva carrega consigo sentidos profundos. As condições de vida no local de origem e de destino dizem muito na decisão. A migração, em geral, é circular, há fluidez nos processos migratórios, principalmente entre senegaleses. Imigrantes conhecem seus espaços, suas demandas, seus limites e muitas de suas soluções. As remessas financeiras, se bem geridas, poderão ser indutoras de melhor qualidade de vida, de consumo, de geração de renda, de educação e cuidados com a saúde de familiares de imigrantes, mas, também, de espaços locais/regionais nos países de origem. Sabemos que dificilmente elas estancarão os fluxos de saída, talvez até lhe darão maior incentivo, além de criar diferenciações entre famílias e outros processos correlatos junto a determinadas entidades e relações sociais. Porém, elas poderão amenizar os sofrimentos, os

limites e precariedades das condições de vida da família ampliada de imigrantes.

Referências bibliográficas

- AGIER Michel, 2015, *Migrações, descentramento e cosmopolitismo. Uma antropologia das fronteiras*, Maceió-São Paulo, Edufal-Unesp.
- AMBROSINI Maurizio, 2017, Famíglie migranti. In: FONDAZIONE ISMU. *Ventiduesimo Rapporto sulle migrazioni 2016*. Milano: Franco Angeli, p. 257-278.
- AMBROSINI Maurizio, 2020, *Famíglie nonostante. Come gli affetti sfidano i confini*. Bologna: Il Mulino.
- AMBROSINI Maurizio, 2009, *Sociologia delle migrazioni*. Bologna: Il Mulino.
- BAGGIO Roberta, NASCIMENTO, Daniel Braga, 2019, Estatuto do Estrangeiro à nova Lei de Migração no Brasil: breves apontamentos. In: MEJÍA, M. R. G. (Org.). *Migrações e direitos humanos – Problemática Socioambiental*. Lajeado, Editora da Univates, p. 19-26.
- BALDINI Massimo, 2021, Il contributo econômico dell'immigrazione. In: *IDOS. Dossier statistico immigrazione 2019*. Roma, Fondazione Idos, 2021, p. 317-323.
- BAUMAN Zygmunt, 2017, *Estranhos à nossa porta*, Rio de Janeiro, Zahar.
- BEAUCHEMIN, Cris. et al., 2013, *Migrations africaines: le codéveloppement en question*, Paris, Armand Collin.
- BRIGNOL Liliane Dutra, 2010, *Migrações transnacionais e usos sociais da internet: identidades e cidadania na diáspora latino-americana*, Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), São Leopoldo, Unisinos.
- CASELLI, Marco, 2021, *Viaggi, esperienze, ritorni. La migrazione da El Salvador all'Italia*, Mulino, Franco Angeli.
- CASTLES Stephen, 2005, *Globalização, transnacionalismo e novos fluxos migratórios*, Lisboa, Edições Fim de Século.
- CESAREO Vincenzo, 2021, Per un novo protagonismo dell'Europa, In: *Fondazione ISMU. Ventiseiesimo Rapporto sulle migrazioni – 2020*. Milano: Ismu, p. 53-66.
- CESCHI Sebastiano, STOCCHIERO Anadrea. (A cura di), 2006, *Relazioni transnazionali e co-sviluppo. Associazioni e imprenditori senegalesi tra Italia e luoghi di origine*, Torino, Harmattan Italia.
- CUNHA Albino, 2007, *Migrações e desenvolvimento: lógicas de terreno entre a Europa e a África*, Lisboa, Academia Premium.
- DALLABRIDA Valdir, 2005, *Dinâmica territorial do desenvolvimento*, Santa Cruz do Sul, Tese de Doutorado em Desenvolvimento Regional, Unisc.

DELFINO Rodrigo Borges, 2018, *Velhos e novos olhares sobre migrações internacionais e desenvolvimento*, São Paulo, MigraMundo.

DIOP Momar (Ed.), 2002, *La Société sénégalaise entre le local et le global*, Paris, Karthala.

DURAND Jorge, 2006, Los inmigrantes también emigran: la migración de retorno como corolario del proceso. In: *REMHU. Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Ano XIV, n. 26 e 27, Brasília, p.167-189.

ESPIRO Luz, 2017, Dilemas y negociaciones en la representación de la alteridad. A propósito de migrantes senegaleses en Argentina, In: TEDESCO, João Carlos, KLEIDERMACHER, Gisele, *A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares*, Porto Alegre, EST Edições, p. 35-150.

ESPIRO Luz, 2021, "A veces ganas, a veces perdés". La trayectoria de un migrante senegalés en el corredor migratorio entre Argentina y Brasil, *Périplos, Revista de pesquisa sobre migrações*, vol. 5 – N.º. 1, p. 181-206.

FALL Papa Demba, 2016, *Des Francenabe aux Modou-Modou. L´émigration sénégalaise contemporaine*, Dakar, L´Harmattan – Sénégal.

FALL Papa Demba, GAMBERONI Emanuela., 2010, Movimenti migratori ed effetti sul territorio. Il caso di Podor (regione di Saint Louis, Senegal), In: *Bollettino della Società Geografica Italiana*, Roma, p. 203-228.

FAZITO Dimitri, 2010, Análise de Redes Sociais e Migração. Dois aspectos fundamentais do "retorno", *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 25, n. 72, p. 89-100.

GIUDICI Cristina, WIHTOL DE WENDEN, Catherine, 2020, *I nuovi movimenti migratori. Il diritto alla mobilità e le politiche di accoglienza*, Milano, Franco Angeli.

GNOATTO Vanucia, 2022, *A multidimensionalidade na emigração de retorno de brasileiros do Paraguai (1970-2020)*. Passo Fundo, PPGH, Texto para qualificação da tese em História.

GOETTERT Jones Dari, 2008, *O espaço e o vento: olhares da migração gaúcha para o Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou*, Dourados, Editora UFGD.

HAAS Hein, 2010, Migration and development: a theoretical perspective, *International Migration Review*, 44 (1), p. 227-264.

IDOS 2021, *Fondazione. Dossier statistico immigrazione – 2020*, Roma, Idos Edizione.

LAZZARI Francesco, 2009, Migrazioni e cooperazione allo sviluppo, In: AMBROSINI, M; BERTI F, *Persone e migrante. Integrazione locale essenziali di co-sviluppo*, Milano, Franco Angeli, p. 213-232.

MACEDO Claudia, 2020, *Imigrantes haitianos no Brasil: trajetórias e perspectivas*, São Paulo, Dialética.

- MACEDO Janaina, 2019, *Pessoas e mundos em movimento: migrantes haitianos e senegaleses na região da Grande Florianópolis (SC)*, UFSC, Tese em Antropologia Social.
- MARABELLO Selenia, 2009, *Antropologia e Migrazioni: una storia di co-sviluppo tra l'Italia ed il Ghana*, Bologna, Università di Bologna, Dottorato di Ricerca, Cooperazione Internazionale e Politiche per lo Sviluppo Sostenibile.
- MARINI Francesco, 2009, *Co-sviluppo e integrazione*, Milano, Franco Angeli.
- MARTES Ana, SOARES, Weber, Remessas de recursos dos imigrantes, In: *Estudos Avançados*, 20 (57), maio/agosto, p. 41-54.
- MEROTTA Luca, 2020, *Unione Europea, África e migrazioni*, Milano, Fondazione Ismu.
- MINVIELLE Régis, *Le bout de la terre: migrants africaines à Buenos Aires*, Paris, L'Harmattan.
- MOUHOUD Mouhoube, (Dir.), 2006, *Les nouvelles migrations – Un enjeu Nord-Sud de la mondialisation*, Paris, Universalis.
- PASTORE Ferruccio, 2006, *Transnacionalismo e co-sviluppo*, Roma, Cespi.
- PIPERNO Flavia, STOCCHIERO, Andrea, 2011, *La valutazione dei progetti di co-sviluppo: critério e indicatori*, Roma, Cespi.
- PORTES Alejandro et al., 2006, *Estudos sobre as migrações contemporâneas – Transnacionalismo, empreendedorismo e a segunda geração*, Lisboa, Ed. Fim de Século.
- RAMOS Maria, 2007, Diásporas, culturas e coesão social, In: BIZARRO, R. (Coord.), *Eu e o outro. Estudos multidisciplinares sobre identidade(s), diversidade(s) e práticas interculturais*. Porto, Areal Editores, p. 78-95.
- RAMOS Maria, 2003, "Impactos demográficos e sociais das migrações internacionais em Portugal", In: RAMOS, N. (Org.), *Saúde, Migração e Interculturalidade. Perspectivas teóricas e práticas*, João Pessoa, EDUFPB, p. 11-44.
- RAMOS Maria, 2012, *Migrações, Desenvolvimento e Dinâmicas Locais e Regionais, Grandes Problemáticas do Espaço Europeu*, Porto, FLUP.
- SCABIBI Eugenia, ROSSI, Giovannia, 2008, *La migrazione come evento familiare*, Milano, Vita e Pensiero.
- SEIDLER Pina, 2012, *Exportação brasileira de carne bovina para os muçulmanos do Oriente Médio e o Norte da África: perfil das transações comerciais e principais características do campo organizacional*, Brasília, UNB, Dissertação de Mestrado em Agronegócio.
- SIQUEIRA Sueli, 2009, *Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno: Brasil/Estados Unidos*, Belo Horizonte, Argumentum;

SOARES Weber, 2009, Da associação entre os retornados internacionais e os intermediários da rede migratória valadarense, In *REMHU*, n. 32, ano XVII, São Paulo, p. 47-59.

VILLARREAL Maria, 2021, Replanteando el debate sobre migraciones internacionales y desarrollo: nuevas direcciones y evidencias, *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana (REMHU)*, Brasília, v. 25, p. 181-198.

WIHTOL DE WENDEN Catherine, 2013, *La question migratoire au XXIe siècle*, Paris, Presses de Sciences Po.